

IBM e o Holocausto. Edwin Black. 3. ed. São Paulo, Campus, 2006.

Trata-se de um documento histórico surpreendente e assustador, que provoca impacto da primeira à última página. O primeiro parágrafo da Introdução previne:

...este livro será uma leitura extremamente desconfortável. Do mesmo modo como sua elaboração foi profundamente constrangedora, pois conta a história da participação consciente da IBM – diretamente e por meio de subsidiárias – no Holocausto, assim como no envolvimento da empresa na máquina de guerra nazista, que assassinou milhões de outras pessoas em toda a Europa.

É o resultado de uma investigação ricamente documentada, com buscas em meia centena de arquivos e cerca de trinta bibliotecas localizadas em cidades dos EEUU e da Europa. Foram ainda, pulsados trinta periódicos, correspondente ao período de 1933 a 1945, além de uma extensa lista de livros.

Este registro do autor é uma denúncia:

Em minha busca, recebi extraordinária cooperação de numerosas fontes privadas, a única recusa foi da própria IBM, que rechaçou qualquer pedido de acesso a documentos e de entrevistas pessoais (...) Finalmente, consegui acesso propício a centenas de documentos da IBM que foram colocados a minha disposição. Li-os todos.

O anti-semitismo contou com os poderes da automação que Herman Hollerith inventara um cartão com orifícios padronizados, cada orifício significando um traço diferente: sexo, nacionalidade, ocupação e assim por diante. Por meio de mecanismos de modo facilmente ajustáveis e mediante rápida varredura elétrica da superfície perfurada para detecção dos orifícios, seria possível “ler” os cartões à medida que passassem por um alimentador mecânico. Em seguida, os cartões processados seriam classificados em pilhas, com base em uma série especificada de orifícios. (...) Era nada menos que o código de barras do século XIX para seres humanos. Ainda, mais importante, o sistema Hollerith não se limitava a contar, também gerava análises.

Black revela que o ódio de Hitler e sua cruzada contra os judeus “foi rigorosamente ampliada e energizada pela engenhosidade e ambição de lucro da empresa International Business Machines (IBM) e o *charmain* Thomas J. Watson”. Relata que, diariamente,

chegavam contingentes de mão-de-obra escrava nos campos de concentração. Os prisioneiros eram identificados por meio de cartões Hollerith descritivos, cada um com as colunas perfuradas, detalhando nacionalidade, data do nascimento, estado civil, quantidade de filhos, motivo do encarceramento, características físicas e habilidades profissionais. Na coluna rotulada “Razão de partida” havia códigos que significavam transferidos para outro campo a fim de prosseguir com o trabalho; morte natural; execução; suicídio; tratamento especial “que em geral significava extermínio, seja em câmara de gás, seja por enforcamento ou fuzilamento”.

Os homens e mulheres constantes das relações numéricas eram confrontados com as listas de necessidades de trabalho em Bergen Belsen e em outros campos de concentração. Jamais apareceu um nome, apenas números atribuídos a indivíduos. Os números e os cartões perfurados desumanizaram a todos. Tudo sobre os trabalhos estatísticos que a IBM empreendeu para a Alemanha foi condicionado em termos de política racial, dominação ariana e identificação e perseguição de judeus.

Claques de juristas, médicos e cientistas nazistas – todos com suas prestigiosas credenciais acadêmicas – descobriram meios de perverter sua crença e vocação para promover a causa da dominação ariana e de perseguição racista. Na vanguarda das tropas de choque intelectuais de Hitler destacavam-se os estatísticos que trabalharam em conjunto com os batalhões que proporcionavam e executavam as políticas de Hitler, como o escritório de Raça e Assentamento do Reich. A identificação dos judeus foi apenas o primeiro passo da trajetória de destruição anti-semita na Alemanha.

Assim,

...desde os primeiros momentos e durante a totalidade dos doze anos de existência do Terceiro Reich, a IBM colocou sua tecnologia à disposição do programa de Hitler de destruição dos judeus e de domínio territorial. A IBM não inventou o anti-semitismo da Alemanha, mas ofereceu voluntariamente suas soluções, a empresa praticamente enleou-se com o nazismo, como qualquer evolução tecnológica, a nova solução potencializava novos níveis de expectativas sinistras e de capacidades cruéis.

Quando a Alemanha quis identificar os judeus pelo nome, a IBM mostrou-lhes como executar a tarefa. Quando pretendeu usar essa informação para desenvolver programas de exclusão social e expropriação de bens, a IBM igualmente lhes ofereceu os recursos tecnológicos. Quando os trens precisavam circular no horário entre as cidades ou entre os

campos de concentração, a IBM ainda ofereceu a solução. Em última análise, não havia solução que a IBM não concebesse para um Reich disposto a pagar pelos serviços prestados.

Com o decurso do tempo e o auxílio dos cartões, à medida que se desvanecia a existência dos judeus alemães, outros assistiam à ascensão da fortuna corporativa. Enquanto os judeus alemães se escondiam em casa e choravam em desespero, enquanto o mundo timidamente estremecia de medo, ouviam-se canções no ar.

O crescimento assombroso da IBM na Alemanha nazista decorria não apenas da arregimentação ditatorial de todo o comércio, mas também do poder de um setor novo, a ciência da raça. A identificação dos judeus, seja pela certificação da linhagem ariana, seja pela identificação da ascendência judaica, se tornou um grande negócio da noite para o dia. Somente as máquinas Hollerith possuíam a tecnologia para fornecer com eficiência as respostas demandadas pelos especialistas raciais nazistas.

No verão de 1934, o Terceiro Reich municiado com dados estatísticos e outras informações coletadas em clínicas e hospitais, consultórios médicos e em seguradoras de todo o país, começou a organizar a esterilização. Da idéia da esterilização dos fisicamente indesejáveis ampliou-se para incluir os socialmente indesejáveis.

Em fins do ano seguinte, os nazistas criaram um processo mais sistemático, sob controle do Estado para expropriar os bens dos judeus. Organizaram uma câmara de compensação para se apossarem de todas as posses dos judeus por qualquer migalha. Previam que os judeus fossem induzidos pela premência de vender. Então, os nazistas começaram a visitar as famílias judaicas e a anular seus passaportes, deixando os judeus sem condições de tornarem-se refugiados, sem pagar uma taxa de emigração confiscatória correspondente a 25% de seus bens na Alemanha. O passo seguinte foi a identificação dos ativos dos judeus.

O confisco e a arianização intensificaram-se em 1936. Neste ano, um jornal nazista proclamava que “em última análise, o extermínio é a única solução para o problema dos judeus.” Para se adotar a solução definitiva seria necessária a trajetória cruenta. E arrematava: “Para garantir a segurança de todo o mundo, eles devem ser exterminados”.

Durante as atividades comerciais da IBM, nos tempos de guerra, o mundo sabia que a maquinaria de ocupação alemã estava sendo manejada para exterminar o máximo de judeus, com tanta rapidez, quanto possível.

Black conclui que:

...os negócios da IBM nunca tiveram a ver com o anti-semitismo. Os negócios sempre tiveram a ver com o dinheiro. Antes mesmo que o primeiro judeu fosse codificado com propósitos específicos, sob a identidade Hollerith apenas o dinheiro era importante. E o dinheiro acumulou-se.

Nadir Domingues Mendonça
Especialista em História da Cultura Brasileira- PUC/RS
Mestre em História da Cultura Iberoamericana – PUC/RS
Doutora em Ciências- História Social USP